

Aos olhos horrorizados do mundo,
o trágico assassinato de 11 atletas israelenses
ofereceu uma revoltante visão
da natureza mortífera do conflito no Oriente Médio

Morte nas Olimpíadas

Baseado num artigo de TIME

ATÉ À MANHÃ de 5 de setembro, a 20.^a Olimpíada vinha sendo um enorme sucesso. Jamais tantos recordes tinham sido derrubados, nem tantas disputas políticas esquecidas. Os alemães ocidentais até aplaudiam as vitórias da Alemanha Oriental. Nesse clima, as medidas de segurança foram sendo relaxadas aos poucos. Quando repórteres se queixaram das dificuldades de acesso à imensa Vila Olímpica, onde viviam 12.000 atletas, as autoridades praticamente abriram as portas aos jornalistas.

Tinha havido alguma preocupação, no começo, com a segurança da equipe israelense. Planificadores da Polícia de Munique e delegados israelenses reuniram-se para discutir o assunto. Mais tarde, porém, versões de que os israelenses haviam solicitado proteção especial,

ou de que os alemães haviam oferecido essa proteção, não puderam ser confirmadas.

Ao organização Setembro Negro, o mais extremista dos grupos terroristas árabes, já contava com gente na Alemanha, entre os estudantes palestinos que frequentavam universidades locais. Mas o planejamento e o treinamento para o ataque, segundo os serviços secretos israelenses, foram efetuados na Síria. Uma semana antes de se iniciarem as Olimpíadas, vários jovens partiram, provavelmente de trem e separadamente, rumo a Munique. Levavam na bagagem um mortífero arsenal, do qual faziam parte metralhadoras Kalashnikov, de fabricação russa, e granadas de mão. Em Munique, procederam a um cuidadoso exame da Vila Olímpica. Alguns, consta, conseguiram empre-

gos entre os 30.000 trabalhadores na Vila.

Os árabes entraram em ação às quatro da madrugada. Pouco antes de clarear o dia, dois operários da companhia telefônica viram um grupo de jovens em roupas esporte e carregando equipamento esportivo escalando a cerca de dois metros de altura que cercava a Vila. Era um episódio frequente: muitos atletas escapavam aos treinamentos para uma noitada na cidade e pulavam a cerca de volta aos seus alojamentos. Mas, assim que se viu no interior da Vila, o grupo árabe escureceu os rostos com carvão, mascarou-se, empunhou suas armas e se dirigiu ao alojamento dos israelenses.

«Fujam!» Os 22 atletas da equipe masculina de Israel, seus técnicos e dirigentes ocupavam seis apartamentos de três peças num edifício muito moderno, de três andares. Os atacantes bateram a uma porta e perguntaram, em alemão: «Está aqui a equipe israelense?» Moshe Weinberg, de 32 anos, técnico de luta livre, entreabriu a porta e, assim que viu os homens armados, atirou-se contra ela, tratando de fechá-la. Gritou aos seus companheiros que fugissem. Weinberg foi atingido por uma rajada de metralhadora disparada através da porta. O pugilista Gad Sabari pulou da cama, quebrou uma janela com o cotovelo e lançou-se por ela, as balas zunindo pela sua cabeça.

Praticamente, a mesma cena repetia-se num segundo apartamento. Armado de faca, o halterofilista Yosef

Romano enfrentou os atacantes, mas foi mortalmente atingido. Yosef Gottfreund, um alto e forte juiz de luta livre, aguentou a porta fechada contra a investida de cinco árabes: «Hevra, tistalkul!» (Fuja, pessoal!), ele gritava, em hebraico. Mas a porta foi finalmente aberta.

Dois dos 22 israelenses não se encontravam na Vila, na ocasião. Nove conseguiram escapar. Além de Weinberg e Romano, outros nove não o conseguiram. Em grupos de três, tiveram atados pés e mãos e foram jogados sobre uma cama.

Pouco depois das cinco da manhã, alertada por um telefonema anônimo, a Polícia alemã chegava ao local. Os árabes entregaram ao chefe do destacamento policial uma mensagem em inglês exigindo a libertação de 200 árabes presos em Israel. Se as autoridades não concordassem até às nove da manhã, os reféns seriam mortos, dois de meia em meia hora. Mais tarde, a hora-limite viria a ser adiada, e os árabes acrescentaram a exigência de transporte aéreo, para eles e os reféns, para um país árabe que seria escolhido.

De uma central instalada na Administração da Vila, a 200 metros de distância, o Chefe de Polícia Manfred Schreiber convocou 600 homens e carros blindados para isolar a área. Uma ambulância já havia sido chamada para retirar o cadáver de Moshe Weinberg, que dois árabes haviam arrastado até às escadas do alojamento israelense.

Schreiber dirigiu-se para o edifi-

cio sitiado, onde foi recebido por um terrorista de gorro branco e óculos escuros. Era o líder do grupo, e o maior fanático. «Pas-sou-me pela cabeça», lembraria o policial mais tarde, «que eu poderia tentar pegá-lo como refém. Ele deve ter adivinhado os meus pensamentos. 'Está querendo me pegar?' perguntou, abrindo a mão e mostrando uma granada.»

Alternativas Limitadas. A essa altura, estabelecera-se comunicação telefônica entre Munique, Bonn e Jerusalém. Em Israel, o Primeiro-Ministro Golda Meir e seu Gabinete não tardaram com a sua decisão: 1) não ceder a qualquer chantagem; 2) dizer aos alemães que eles eram totalmente responsáveis pelas vidas dos reféns.

Inabalados pela dramática situação, a menos de 400 metros dos reféns continuavam os Jogos Olímpicos.

Para o Ministro do Interior da Alemanha, Hans Dietrich Genscher, que chefiava as negociações, a posição de Israel limitava em muito as decisões que poderia tomar. Negociou pessoalmente com os terroristas e repetiu a oferta de Schreiber — o que quisessem, em dinheiro, pela libertação dos israelenses. Os palestinos recusaram rispidamente a oferta. Genscher, então, ofereceu a si próprio e outros funcionários alemães como reféns, em troca dos atletas israelenses. Nova recusa. Tentou ganhar tempo, dizendo aos terroristas que o Governo israelense ainda estava exa-

minando a lista dos prisioneiros exigidos e não chegara a uma decisão.

Diante dos apelos de Genscher, os terroristas adiaram a hora da execução dos reféns de meio-dia para uma hora, depois para às três e às cinco. (No fim, mudariam seis vezes essa hora.) Audaciosamente, Genscher pediu para ver os sequestrados. Foi levado ao dormitório de um dos apartamentos, e lá estavam os nove homens amarrados, sentados sobre as camas. «Perguntei-lhes», contou o Ministro do Interior, «se concordariam em sair da Alemanha com os terroristas. Disseram que sim.» O Governo israelense indicara que não se opunha a que os terroristas recebessem salvo-condutos, *desde que* existissem garantias absolutamente firmes de que os reféns seriam então libertados.

As autoridades alemãs, a essa altura, já haviam reunido 17 atiradores especialistas, voluntários, que sob macacões de atletismo vestiam roupas à prova de balas. Câmaras de TV equipadas com lentes de grande alcance acompanhavam esses atiradores, que, furtivamente, procuravam aproximar-se dos alojamentos sitiados. Mas os alvos não bastavam. Se um atirador acertasse um dos árabes que de vez em quando punham a cabeça à mostra, seus companheiros sem dúvida se vingariam nos reféns.

«Somos Responsáveis.» Enquanto isso, atraída pelo noticiário das rádios e pela cobertura ao vivo

da TV, uma multidão se reunia na área. Uma centena de jovens judeus rompeu os cordões de isolamento e começou a cantar bem alto o *Hatikvá*, hino nacional de Israel — «para que eles saibam que estamos aqui, que não estão sozinhos». O lamento das sirenas policiais soava por todo lado e helicópteros zumbiam sobre o local.

Por toda a parte havia agora Governos em ação. O Chanceler Willy Brandt, após uma sessão especial do Gabinete, em Bonn, saiu para Munique, a fim de orientar pessoalmente as decisões. Num discurso de 10 minutos ao Parlamento de Israel, a Sr.^a Meir sugeriu que os Jogos deveriam ser suspensos — e, realmente, nenhuma competição começou depois das cinco da tarde. O Presidente Nixon enviou a Jerusalém suas condolências e ordenou aos Embaixadores americanos em capitais árabes que exercessem pressões para a libertação dos reféns.

Contatadas por Bonn, a maioria das capitais árabes deixou bem claro que não queria envolver-se no assunto. O Embaixador tunisino e um representante da Liga Árabe em Bonn tentaram, em vão, negociar com os terroristas, que em seguida anunciaram que não queriam mais saber de emissários. Brandt procurou falar com o Presidente Anwar Sadat, do Egito. Conseguiu, finalmente, falar com o Primeiro-Ministro Aziz Sidky, que disse, secamente: «Não queremos nos envolver.»

Brandt já tomara a mais impor-

tante decisão do dia. Vetara absolutamente a possibilidade de se permitir aos terroristas deixarem a Alemanha com os reféns. Os árabes haviam dito que os matariam, num lugar qualquer, na manhã seguinte, se Israel não tivesse libertado os prisioneiros. «Seria impossível permitir que isto acontecesse», disse o Chanceler. «Nós somos responsáveis pelos destinos dessas pessoas.»

Enquanto isso, de um dos apartamentos, os terroristas também usavam o telefone, sem obterem respostas. Um número chamado na Tunísia recusou o telefonema. Poderia significar que os árabes de Munique, abandonados, seriam capazes de ficar ainda mais desesperados do que já estavam.

Genscher disse a Brandt que não podia continuar aguentando por muito tempo os terroristas, cada vez mais nervosos. Acabou aceitando o plano deles. Os guerrilheiros e seus reféns seriam conduzidos ao aeroporto de Munique, de onde partiriam, para onde quisessem, num 727 da Lufthansa.

O Tiroteio. Pouco depois das 10 da noite, 18 horas depois do ataque inicial, os oito guerrilheiros conduziram seus presos, com as mãos atadas às costas, para um ônibus militar. Foram levados até um relvado transformado em heliporto de emergência. Em 13 minutos, dois helicópteros transportaram-nos para Fürstenfeldbruck, uma base aérea a 26 quilômetros de Munique. Havia sido precedidos

por um outro aparelho, que transportava autoridades alemãs e agentes secretos israelenses.

Quinhentos soldados cercavam o aeroporto. Atiradores escolhidos dentre os melhores haviam sido dispostos na área, na esperança de que, se abatessem um número suficiente de terroristas, os demais se renderiam. Mas, estranha e desastrosamente, só havia cinco atiradores para oito alvos.

Quando os helicópteros pousaram, dois árabes saltaram e foram examinar o 727. Outros dois saltaram, e, embora se houvessem comprometido a não usar alemães como reféns, ordenaram às tripulações dos helicópteros que saíssem e se postassem ao lado dos aparelhos. Três dos atiradores se encontravam na torre de controle, a 35 metros dos helicópteros, e os outros dois estavam na pista. Haviam recusado as miras infravermelhas oferecidas pelo Exército, como desnecessárias no campo iluminado. Suas instruções eram para atirar quando fosse maior o número de alvos árabes. Os terroristas, cautelosos, jamais expuseram mais de quatro elementos de uma vez. De repente, um dos atiradores deu no gatilho, e os demais seguiram-no.

Os dois árabes que vigiavam as tripulações dos helicópteros foram atingidos, e no tiroteio que se seguiu foi baleado um dos pilotos. Um terceiro guerrilheiro na pista foi morto. O líder deles, aquele que a Polícia realmente queria pegar, atirou-se ao solo sob um dos

helicópteros e foi gravemente ferido. Uma rajada vinda dos helicópteros pôs fora de ação o rádio da torre de controle. Uma bala perdida matou um cabo da Polícia no edifício do aeroporto.

A batalha intermitente continuou durante mais uma hora, até que estavam mortos cinco guerrilheiros, inclusive o líder. Nesse meio tempo, os reféns também foram mortos. Quatro foram fuzilados e queimados no incêndio de um dos helicópteros, atado pela granada de um terrorista. Os demais foram metralhados pelos árabes. Os três fedain sobreviventes foram capturados, dois deles feridos*.

Morte de Exportação. Poderia a tragédia ter tido um final diferente? Uma vez tomadas as decisões básicas — a não libertação dos prisioneiros árabes em Israel e não permitir-se que os terroristas deixassem o país com seus reféns — não restava alternativa além de tentar deter pela força o grupo do Setembro Negro.

A decisão de não negociar os prisioneiros cabia exclusivamente a Israel. Embora o confronto ocorresse na Alemanha, as autoridades locais consideraram que tinham de consultar Israel. Desde o começo, Jerusalém participou das decisões.

* Em fins de outubro, guerrilheiros palestinos sequestraram um Boeing 727 da Lufthansa e obtiveram a libertação dos três comandos acusados de terem tomado parte na tragédia das Olimpíadas. Foram trocados pelas vidas dos passageiros e da tripulação do avião.

Dois altos funcionários dos serviços secretos de Israel acompanharam tudo: chegaram a Munique às 7 da manhã. Mais tarde, a Sr.^a Meir dividiria a responsabilidade com os alemães ao agradecer-lhes publicamente pela decisão de «agir pela libertação dos reféns israelenses e de empregar a força para esse fim».

A grande falha foi, como se viu, o planeamento no fim de contas inadequado da emboscada. Não se podia esperar que os cinco atiradores no aeroporto fossem capazes de abater oito homens rapidamente e sob as condições existentes. E talvez os planos tenham sido executados com excesso de cautelas.

Para o resto do mundo, a questão igualmente importante é se essa espécie de violência pode ser impedida. O Presidente Nixon lançou

uma ofensiva diplomática a fim de persuadir os Governos árabes a negarem abrigo aos fedain. Mas, em muitos países árabes, os guerrilheiros são heróis populares, e o que os Governos podem fazer é muito limitado pelas consequências políticas de uma ofensiva contra eles. Mesmo que os Governos viessem a concordar, seria difícil eliminar os grupos do Setembro Negro, pela clandestinidade em que operam.

Talvez o significado maior da tragédia de Munique seja o de que o histórico e sangrento conflito entre Israel e os países árabes foi agora exportado do Oriente Médio para o resto do mundo. Muito provavelmente, o mundo ainda verá muitos Munique antes de aprender como evitá-los.



O DR. MICHAEL ENTWISLE, de Calgary, num informe à Associação de Psiquiatria do Canadá: «Há alguns anos surgiu uma canção popular que dizia: 'Cigarros, uísque e mulheres perigosas — fazem o homem ficar doido e perder a cabeça.' Desde então, a Medicina confirmou os efeitos patológicos do cigarro e, mais recentemente, nossas pesquisas com homens que cumprem sentenças de prisão perpétua por assassinato tendem a confirmar os efeitos do uísque e das mulheres perigosas.»

— *The Financial Post*, Canadá



Está tudo dito. Howard Bulger, treinador de atletismo no Iona College, não se importa com a raça ou credo do pessoal da sua equipe; a única coisa que lhe interessa é a velocidade do camarada. Normalmente, ele ensina a igualdade pelas suas ações, e não por palavras, mas, quando houve um atrito entre os membros da equipe, colocou o seguinte aviso na porta do ginásio: «Os problemas que alguns têm com questões raciais provêm do fato de acreditarem que tem sempre de haver um vencedor.»

— C. T. C.